

V SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

18 a 19 de Fevereiro de 2016

O COMPORTAMENTO DE PESQUISAR NA NOVA CULTURA DO CAPITALISMO

Daniela Ravelli Cabrini (Programa de Iniciação Científica, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil); Carlos Eduardo Lopes (Laboratório de Filosofia e Metodologia da Psicologia - LAFIMEP, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil); Carolina Laurenti (Laboratório de Filosofia e Metodologia da Psicologia - LAFIMEP, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil).

contato: danielaravelli.3@gmail.com

Palavras-chave: Flexibilidade. Produtivismo. Contemporaneidade. Comportamentalismo.

A estrutura do sistema econômico tem sofrido uma série de transformações nas últimas décadas, afetando diversas áreas da sociedade. Sennett (2009) analisa essas transformações concluindo que elas inauguram uma nova cultura do capitalismo. De acordo com esse autor, a nova cultura define-se por uma estrutura econômica flexível, que exige que os trabalhadores comportem-se para além de seus próprios limites. Isso porque nesse contexto difundem-se práticas de reengenharia e fusão; a presença de metas de impossível cumprimento sem um modo claro de como proceder; a proliferação de atividades inócuas com tarefas ilegíveis; a competição sem limite, mantida pelos grupos de trabalho ou pelo próprio trabalhador mesmo na ausência de um supervisor; e uma organização do tempo flexível, que impossibilita a liberação da atividade de trabalho. Estas condições de mudanças imprevisíveis e constantes desenvolveram um indivíduo sem identificação com o seu trabalho e incoerente por nunca saber ao certo para onde está caminhando.

Algumas dessas características da nova cultura do capitalismo têm se reproduzido no contexto acadêmico norte-americano. Waters (2006) aponta que a lógica mercantil está em sincronia com as editoras científicas, ditando as regras para a produção científica, e por isso instalando no ambiente acadêmico competições acirradas em busca de investimento financeiro. Segundo essa autora, as publicações geridas de acordo com esta nova lógica de tempo e de quantidade transformaram-se em “tarefas em séries”, próximas às da época fordista, que não possuem conteúdo relevante e nem receptividade por parte da comunidade científica (WATERS, 2006).

Considerando esse cenário, este trabalho teve o objetivo de investigar se o

V SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

18 a 19 de Fevereiro de 2016

comportamento de pesquisar na Universidade Estadual de Maringá também reproduz a nova cultura do capitalismo. Para tanto, foram realizadas entrevistas com três alunos (P1, P2 e P3) de um dos programas de pós-graduação mais bem avaliados da Universidade Estadual de Maringá (UEM), no último triênio (CAPES, 2014). As características da nova cultura do capitalismo descritas por Sennett (2009) foram operacionalizadas em termos comportamentais e empregadas na análise das entrevistas.

Os resultados mostraram que o contexto da pós-graduação distancia a ação de pesquisar de suas consequências últimas, sendo que, em alguns casos, essas consequências sequer existem. Desta forma, a atividade de pesquisar não se mantém “naturalmente”, pois não há contingências que favoreçam o controle por consequências reforçadoras naturais. Portanto, o que mantém a atividade de pesquisar são reforçadores arbitrários como reconhecimento social e investimento financeiro, bem como o cumprimento de regras. Isso têm transformando a publicação em uma das únicas consequências do processo de pesquisa, como mencionou P1: “... a função da publicação científica é satisfazer um critério de pesquisa do curso de pós-graduação e para alimentar uma ciência um pouco mais internacional”. Assim, a prática de pesquisar é mantida por condições alienadas, por consequências artificiais: “Minha motivação não foi científica... foi o conforto financeiro”; ou ainda: “... a exigência do curso pelas publicações é porque a gente recebe muito dinheiro nisso” (P1). Assim, o esforço feito para a publicação de qualidade é porque “... a exigência do curso pelas publicações é porque a gente recebe muito dinheiro nisso.... e se a gente pega dinheiro público é obrigação devolver uma publicação decente que contribua” (P1).

Esse distanciamento entre a atividade de pesquisar e suas consequências tem ecos em diferentes contextos da pós-graduação. Há uma ruptura entre as atividades teóricas, desenvolvidas no contexto de disciplinas do programa e atividades de pesquisa propriamente ditas: “...[as disciplinas] servem só para cumprir tabela” (P2). Esse descolamento entre aulas e pesquisas parecem ser mantidas pelos próprios professores: “Professores desestimulados que trazem para gente aulas que são pouco atualizadas e não colocam a gente no foco” (P1). Consequentemente, as atividades de pesquisar e de ensinar tornam-se ausentes de sentido e função, exigindo um pensamento superficial para realizar uma tarefa considerada confusa pela falta de relação com sua consequência.

Outra característica encontrada diz respeito à competição estabelecida na estrutura da

V SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

18 a 19 de Fevereiro de 2016

pós-graduação. Trata-se de um tipo de contingência aversiva que têm orientado a atividade de professores e de alunos. Baseada em exigências inatingíveis, o pesquisador encontra-se na busca constante para atingir as metas de impossível cumprimento, considerando a publicação *“...um processo meio doloroso porque existe uma exigência do programa para que publique cada vez em maior qualidade e quantidade. Então você tem essa pressão e essa pressão recai sobre os alunos da pós”* (P2). Sendo assim, há uma competição sem uma meta claramente definida, tornando o contexto ainda mais aversivo para o pesquisador, que agora exerce sobre si mesmo e sobre os colegas uma pressão ininterrupta: *“... são exigências bem altas. São exigências constantes feitas não só pelo orientador, mas pelos próprios colegas porque a gente trabalha com a diversidade, porque dentro do nosso departamento existem pessoas que publicam muito e existem pessoas que publicam nada”* (P1).

Esse contexto exige um cientista que seja capaz de se adaptar a mudanças abruptas de contingências, por exemplo, mudanças de critérios que exigem aprendizagem de coisas novas para alcançar o novo nível de qualidade e quantidade de produção. Os parâmetros de comparação e competição são diversos: entre colegas, entre professores, entre instituições, e até entre países: *“Aqui nós somos praticamente 250 e a produção deles é maior que a nossa... então a produtividade é muito maior e com excelência e o esforço muito menor. Agora aqui você tem esse problema: a falta de dinheiro e a falta de tempo de você conseguir lidar com orientandos, né?”* (P2). Este contexto de competição constante impossibilita que o pesquisador pare de agir em função de atingir os objetivos impostos, portanto, gera uma constante insatisfação com o seu próprio trabalho que cria uma necessidade de sempre estar se atualizando: *“Será que a gente vai publicar em uma revista assim? Então você tem que sempre estar estudando e lendo...”* (P3); e também há a impressão de que tem sempre alguém a frente: *“O fato de eu não ser a melhor publicadora.... eu já tenho cinco artigos, tem colegas que já estão com doze né?”*(P1).

O aluno-pesquisador inserido na nova cultura do capitalismo tem um distanciamento de sua atividade de pesquisar, impossibilitando-o de desfrutar consequências naturais, e dificultando o processo de identificação com seu trabalho. Isso é verificado na própria prática de ensinar, na qual o excesso de atividades inócuas gera uma falta de envolvimento por parte dos orientadores: *“... porque ela [orientadora] não tem conteúdo para pensar nas consequências disso... ela esquece, ela não sabe que seus alunos fazem”* (P1) e, portanto,

V SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

18 a 19 de Fevereiro de 2016

reflete-se no ensino dos futuros pesquisadores. Como efeito dessas condições, alguns sentimentos indesejáveis acompanham o comportamento de pesquisar: um contexto com pressão constante e sem sinais de interrupção, força o indivíduo além do seu limite gerando ansiedade, esgotamento e depressão, como aponta P2 “... *vários casos de depressão profunda, de pessoa que precisou de tratamento psiquiátrico, por conta de não saber lidar com a pressão*”.

Em suma, as características da nova cultura do capitalismo presentes na estrutura de programas de pós-graduação modificam o pesquisador e sua relação com a atividade de pesquisar. Embora isso seja inicialmente alimentado por critérios externos (CAPES), gradualmente tem se “naturalizado”, difundido a ideia de que só é possível pesquisar nessas condições e fazendo com que os próprios alunos mantenham a competição ininterruptamente. A universidade deveria estabelecer um contexto que permite o livre curso das ideias, assim como possibilitar que o pesquisador se dedique com abrangência e profundidade a um tema, o que só é possível quando o controle de sua atividade de pesquisar é estabelecido por consequências reforçadoras naturais. Além disso, deveria ser papel da universidade opor-se a sistemas sociais e econômicos injustos e que geram sofrimento desmedido e desnecessário. Nesse sentido, a reprodução da nova cultura do capitalismo na universidade, talvez seja um sinal de que ela tem sucumbido a irreflexão e que, portanto, não está cumprindo seu papel.

Referências

CAPES. **Planilha de notas finais Avaliação Trienal 2013 após reconsideração**. 2014. Disponível em: <<http://www.avaliacaotrienal2013.capes.gov.br/resultados/planilha-de-notas/1%20-%20Planilha%20notas%20finais%20Avalia%C3%A7%C3%A3o%20Trienal%202013%20-%20ap%C3%B3s%20reconsidera%C3%A7%C3%A3o.xls?attredirects=0&d=1>> Acessado em 5 de fevereiro de 2016.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter**: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. 14a. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

WATERS, L. **Inimigos da esperança**: publicar, perecer e o eclipse da erudição. São Paulo: Editora da Unesp, 2006.